



# XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

## QUANDO A LENTE MUDA O RETRATO: UM OLHAR SOBRE A VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA

Kamila Gadelha Farias.

Universidade Federal de Campina Grande, kamila.gd@live.com

**Resumo:** O presente trabalho articula a violência obstétrica a partir da produção visual e audiovisual, seja a partir de documentários ou do projeto fotográfico acerca do tema. Nessas produções estão presentes as vozes e o relato de mulheres as quais sofreram com abusos e maus tratos, excesso de intervenções e a medicalização dos processos fisiológicos. O intuito consiste em articular a narrativa das mães com o cenário presente e a mudança da assistência ao parto, além de trazer visibilidade e discussões a respeito desse tema. Primeiramente, buscou-se definições de violência obstétrica, entre elas, reside a violação de direitos humanos fundamentais e problematiza a falta de autonomia da mulher e de seus direitos sexuais e reprodutivos, também se caracteriza como forma de violência contra a mulher. Em um segundo momento, um panorama sobre o parto brasileiro, enquanto elementos externos aos documentários. Como metodologia, foi utilizada a análise fílmica, em que os elementos internos e externos dos documentários são analisados. Os documentários “Violência obstétrica: a voz das brasileiras” e “A dor além do parto” trazem histórias as quais suscitam a angústia do momento, além de uma necessidade de transformação, e também fornecem informações acerca da violência obstétrica, tal qual o projeto fotográfico 1:4, que apela para o visual, ou seja, independente do formato funcionam como formas diversificadas de trazer visibilidade a esse tipo de violência.

**Palavras-chave:** violência obstétrica, direitos humanos, análise fílmica, parto, documentário.

### **Introdução**

A violência obstétrica é fruto da medicalização do corpo feminino, assim como o mesmo foi apropriado pelo saber médico. É um tema com pouca visibilidade, o que contribui para a naturalização deste tipo de violência e também a perpetuação dessa prática pela ignorância ou desconhecimento.

O intuito do artigo é tecer as implicações da violência obstétrica na vida das mulheres, através da voz delas, tendo como aliado o recurso audiovisual (documentário) e fotográfico. Além de perceber a narrativa tecida pelas vítimas perante esse trauma, o qual não foi pontual, mas que persiste na memória. Também é uma questão de embate entre o íntimo e o privado e questões de saúde e direitos humanos básicos, os quais estão sendo violados e desrespeitados,



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

na medida em que sua integridade não está sendo preservada, principalmente, pelos profissionais que deveriam respeitá-la.

A contribuição necessária é o debate e a discussão do tema como fundamentais para a modificação dessa prática, principalmente no meio acadêmico, trazer uma reflexão em um momento de formação. Tanto no sentido desse tipo de violência prejudicar a sexualidade quanto o olhar sobre o corpo da mulher. Além de buscar visibilidade ao tema e fazer as mulheres terem suas vozes, de fato, ouvidas.

A definição de violência obstétrica<sup>1</sup>, como um tipo de violência contra a mulher, consiste em qualquer ato realizado por profissionais da saúde em relação ao corpo e os processos reprodutivos das mulheres, sejam antes, durante ou depois do parto. Sendo exercido através do excesso de intervenções e onde os processos fisiológicos sejam medicalizados e patologizados (ANDRADE; AGGIO, 2014).

De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS, 2014), os abusos e desrespeito no parto nas instituições de saúde acontecem de várias formas, tais quais: abusos verbais e humilhações profundas (muitas vezes relacionados ao machismo); violência física; ausência de consentimento esclarecido antes de realizar procedimentos, como também procedimentos médicos coercivos ou não consentidos; falta de privacidade; recusa de internação nas instituições de saúde; recusa em administrar analgesia; cuidado negligente durante o parto que pode levar a complicações evitáveis; detenção de mulheres nas instituições, após o parto, devido à incapacidade de pagamento; uso de ocitocina sintética; e também, a impossibilidade de acompanhante durante o parto.

A OMS (2014) ainda declarou a violência obstétrica como uma violação dos direitos humanos fundamentais, o que nos elucidada como é um problema global e disseminado. Inclusive, o relatório pontua os direitos da gestante: possuem o direito de receberem um tratamento digno e de não sofrerem discriminações, de terem livre acesso à informação e de usufruírem o mais elevado padrão de saúde mental e física, incluindo a saúde sexual e reprodutiva. Também é apresentado como determinados grupos estão mais vulneráveis a sofrerem abusos, maus-tratos e desrespeito, entre eles estão: as adolescentes; mulheres

---

<sup>1</sup> Violência contra a mulher é definida enquanto qualquer ato ou conduta baseada em ser mulher e causa dano ou sofrimento físico, psicológico ou sexual, podendo levar até à morte, independente de ser em ambientes públicos ou privados (ANDRADE; AGGIO, 2014).



## **XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES**

solteiras; de baixo nível socio-econômico; migrantes, pertencentes à minorias étnicas e as que vivem com HIV.

Desse modo, a Fundação Perseu Abramo (2013) realizou uma pesquisa intitulada “Mulheres brasileiras e Gênero nos espaços público e privado”, a qual demonstrou que 25% das mulheres, portanto, 1 em 4 mulheres já sofreram violência obstétrica.

Diante desse cenário, mulheres que passaram por esse tipo de violência resolveram se mobilizar e criar documentários, blogs sobre maternidade ativa e várias atividades contra a violência obstétrica e a favor do parto humanizado, sem intervenções desnecessárias. Inclusive, muitos(as) obstetras se mobilizam contra esses tipos de procedimentos, e também não os realizam.

### **Metodologia**

A metodologia utilizada consiste na análise fílmica de documentários, de acordo com Mombeli e Tomaim (2014), sendo esta interpretativa, logo não possui um único caminho a ser percorrido, mas existem diretrizes para uma orientação. Para tal, é necessário considerar aspectos internos e externos do filme, respectivamente, em que são desconstruídos os elementos audiovisuais e as questões sociais e artísticas que perpassam o filme, a respeito disso, foi realizado um panorama do parto no Brasil, sua situação e seu contexto. Além do recurso fotográfico como outra lente para o mesmo ponto de vista.

Os pontos de vista utilizados abordam o posicionamento dos(as) idealizadores(as) e a intenção da produção, são destacados três elementos: o visual/sonoro; o sentido narrativo, quem conta a história e como é contada; como o sentido ideológico do filme, ou seja, qual a mensagem a ser transmitida (PENAFRIA, 2009 apud MOMBELLI; TOMAIM, 2014, p. 4).

### **Resultados**

#### **Cenário do parto brasileiro**



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

O parto pode ser discutido através da perspectiva de um evento necessário para o nascimento e como o ponto de partida para uma vida em conjunto com o bebê, contudo não se reduz a esses elementos individuais. Pulhez (2013) reflete sobre o parto como um momento chave na vivência da maternidade, sobretudo, nesse momento também são manejadas questões que ultrapassam o íntimo e atingem questões de saúde pública, especialmente a saúde da mulher, direitos sexuais e reprodutivos, no que cerne à igualdade e liberdade na esfera reprodutiva e sexual. O parto, ao ser debatido, emerge também a violação de direitos humanos a qual não é englobada através das políticas públicas de saúde reprodutiva e sexual da mulher.

O Brasil possui o maior índice de cesarianas do planeta. Segundo a pesquisa “Nascer no Brasil: Inquérito Nacional sobre parto e nascimento” (2014) coordenada pela Fundação Oswaldo Cruz, a cirurgia cesariana é realizada em 52% dos nascimentos, já em relação ao setor privado, as cesarianas correspondem a um total de 88%. Entretanto, apenas 5% realizaram partos normais sem intervenção, e a pesquisa ainda mostra como no parto normal ainda predomina um modelo extremamente medicalizado, com intervenções excessivas, procedimentos de rotina desaconselhados pela OMS, provocando dor e sofrimento desnecessários. Alguns exemplos consistem na parturiente restrita ao leito; parindo deitadas; com alguém empurrando suas barrigas; sem estímulo para caminhar; e também sem alimentação durante o trabalho de parto. A mesma pesquisa mostra que 53,5% das mulheres sofrem episiotomia (corte no períneo, entre a vagina e o ânus), durante o parto normal.

Ainda configura-se como muito distante da recomendação da Organização Mundial de Saúde como 10% de episiotomia, segundo estudos em que essa taxa foi estabelecida para um parto sem prejuízo materno ou fetal (ZANELLI, 2009).

Outra pesquisa (Trajetória das mulheres na definição pelo parto cesáreo) realizada pela Fiocruz expressa que apesar de 70% das brasileiras desejarem um parto normal no início do pré-natal, 90% delas terminam realizando a cesariana, e em 92% dos casos, a cirurgia é



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

efetuada antes de a mulher entrar em trabalho de parto, logo demonstra como grande parte das cirurgias são programadas (DIAS, 2008).

A pesquisa aponta que um grande motivador dessa mudança de decisão refere-se:

“a baixa informação referida pelas mulheres em relação às vantagens e desvantagens dos diferentes tipos de parto, a baixa participação do médico como fonte desta informação e a baixa prevalência de intercorrências médicas que justifiquem a indicação de uma cesariana (DIAS et. al, 2008, p. 1530)”.

A informação sobre o assunto pode ser prejudicial no sentido de deixar a mulher mais insegura e menos autônoma e consciente de suas decisões, como não poder rebater um médico que queira uma cesárea a todo custo, e mesmo sabendo como rebater, é muito difícil ter sua opinião respeitada.

Apesar do número no serviço público ser menor do que o setor privado, ainda foge da recomendação da Organização Mundial de Saúde, o qual recomenda as cirurgias cesarianas como 15% do total de partos, e só devem ser realizadas quando o procedimento cirúrgico, e não natural, é essencial para preservar a saúde e da vida tanto da mãe quanto da criança (Agência Nacional de Saúde Suplementar, s/d).

Portanto, o cenário brasileiro é extremamente medicalizado, seja no parto natural, seja na cirurgia cesárea, em que as alternativas são escassas, e não é a toa que a violência obstétrica seja algo tão enraizado e naturalizado.

### **Produção audiovisual (documentários) e a violência obstétrica**

O documentário é da ordem do singular, entretanto também se mistura com elementos externos e com a expressão de uma determinada interpretação de realidade diante do mundo. Os documentários “Violência obstétrica: a voz das brasileiras” e “A dor além do parto” retratam a violência obstétrica, mas de formas distintas. Os documentários se diferem também em relação à apresentação das informações sobre violência obstétrica, enquanto o primeiro as



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

apresenta através de textos, já o segundo utiliza o recurso das vozes e narrativas dos profissionais para informar.

Ambos não têm como ponto de partida o ponto de vista da lei ou da teoria, mas parte da voz e do relato das mulheres, as quais são essenciais para uma articulação entre esses campos. Muitas vezes, as mulheres percebem que passaram por um sofrimento enorme e não significado, mas não conseguem sustentar a ideia de violência pela falta de aparato teórico e jurídico e até de apoio vindo de outras mulheres as quais passaram pela mesma situação.

Durante os relatos, em ambos os documentários, o rosto da mãe é enquadrado, como a mesma se constitui como narradora de sua história e em que ela elabora como deve contar sua experiência, portanto, não há um roteiro pré-estabelecido em relação às suas falas, além de que a narrativa das mulheres promove um elemento maior de identificação. O documentário “Violência obstétrica: a voz das brasileiras” parece mais amador e informal, devido a ter sido gravado com câmeras caseiras (como webcam, celular e máquina fotográfica) e devido a isso, o áudio torna-se baixo e difícil de se escutar.

A trilha sonora de pano de fundo às narrativas das mulheres tem um tom trágico e passa certo sofrimento, principalmente o “A dor além do parto”. Inclusive o mesmo parece ser mais bem produzido, até porque foi apresentado enquanto Trabalho de Conclusão de Curso. Também um ponto a ser destacado é que enquanto o documentário é produzido, a dor, o luto e o sofrimento podem ser elaborados de forma conjunta.

O documentário denominado “Violência obstétrica: a voz das brasileiras” não possui uma linearidade específica, contudo se concentra não apenas no sofrimento de dimensão física, mas também a respeito da dor psicológica em um momento tão determinante e delicado quanto o parto.

O que vem à tona é como a violência obstétrica não prejudica apenas a experiência do parto, contudo muitas vezes a lembrança persiste e se torna constante, principalmente em relação à episiotomia, onde a cicatriz e complicações tornam-se um incômodo, o qual impede inclusive a possibilidade de relações sexuais e prejudica o relacionamento conjugal:



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

“[A episiotomia] me causou durante uns bons meses desconforto físico, ela inflamou, infeccionou e psicológico... eu me sentia estranha, eu não gostava que meu marido encostasse naquela região. Ficou sensível...quando muda o tempo, até hoje eu sinto pinicar onde eu levei os pontos. **Então me afetou bastante essa episiotomia. Eu me senti violada, violentada.** Eu falo que, quando eu leio algum relato de violência sexual, como a vítima se sente depois, eu consigo traçar um paralelo porque **a forma como isso afetou a sexualidade e a forma como eu lidava com meu próprio corpo foi bastante forte** (Trechos retirados do documentário “Violência Obstétrica: A voz das brasileiras”, 2012, grifos meus).

Os relatos demonstram a fragilidade e vulnerabilidade daquele momento em que a mulher se encontra, além da brutalidade e a banalidade da agressão, dessa forma, tornando-se recorrente, e também indica como a imponência das ciências médicas pode prejudicar a autonomia da mulher, onde os procedimentos são impostos, mesmo que a mulher manifeste desejo de não realizá-lo e em que o diálogo é inexistente:

“Eu dizia Pra que bisturi? Eu não quero episiotomia. Eu já sei que isso não é necessário. Eu sei que não precisa, é uma escolha. **E ele, ‘não, não podemos discutir isso agora’, e já foi fazendo a incisão na minha vagina.** E eu não sabia se eu chorava, se eu respirava.” (Trechos retirados do documentário “Violência Obstétrica: A voz das brasileiras”, 2012, grifos meus).

Outro aspecto apresentado é a passividade da parturiente no parto, em uma posição de objeto, e não como agente do parto: “Saiu todo mundo, eu fiquei sozinha de perna amarrada, aberta. Sozinha, como se eu fosse assim um subproduto... Levaram minha filha sem me dar nenhuma explicação”. Em relação a essa passividade, também uma participante do documentário declarou que foi anestesiada, apagou durante uma contração, e por causa disso, possui apenas flashes do seu parto, portanto foi privada até da sua própria experiência de parto.

No entanto, o documentário chamado “A dor além do parto” mostra além de depoimentos, os pontos de vista jurídicos e médicos. Além de apresentar o parto humanizado como alternativa à violência obstétrica e também há o depoimento de uma doula.

De acordo com o depoimento dado, uma das entrevistadas declarou ao perder um filho e sobre a dor em perdê-lo em um parto extremamente medicalizado: “A dor nunca passa, você



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

se acostuma a sentir dor”. Também um relato elucida a posição dos profissionais de saúde em um momento tão delicado e ainda quando há complicações: “Então na hora que levantei para subir, eu desmaiei, aí lembro que quando comecei a voltar ao normal, a enfermeira virou pra mim e falou: sobe rápido, antes que você desmaie de novo.” A negação da autonomia e da vontade da parturiente pode ser percebida no relato sobre episiotomia feita sem o consentimento da paciente e ainda teve complicações:

“[A episiotomia] **Não era uma coisa que eu queria, pedi três vezes para ela não fazer e ela fez.** Demorou mais ou menos umas duas horas para detectarem que deu uma complicação [...] aí precisei imediatamente voltar pra mesa de operação para reverter a situação da hemorragia.” (Trechos retirados do documentário “A dor além do parto”, 2013, grifos meus).

A doula<sup>2</sup>, figura central do parto humanizado, informa sobre determinadas implicações do parto, especialmente um parto violento, inclusive a sua posição diante o parto, a qual é passar informações:

“Só sendo informadas, que elas conseguem chegar num médico e falar que não quero que você faça isso porque não precisa. [...] As mulheres, elas se lembram do seu parto todos os dias, durante pelo menos quarenta anos. **Então um parto violento vai marcar a vida de uma mulher para sempre.**” (Trechos retirados do documentário “A dor além do parto”, 2013, grifos meus).

Muitas vezes, as informações são insuficientes e não chegam até às mães, entretanto essas mães tiveram a coragem de elaborar essa dor e esse trauma, e mais do que isso, compartilhar isso com outras mães, no sentido de mostrar para outras mulheres um apoio e uma fonte de suporte e de que elas não estão sozinhas mediante o sofrimento.

O sentido ideológico do filme é colocado nos últimos momentos, em que a fala é substituída por frases escritas na tela, como se fosse a moral do filme. Em “A dor no parto”, a frase de Michael Odent emerge: “Para mudar o mundo é preciso mudar primeiro a forma de nascer”. Já em “Violência obstétrica: a voz das brasileiras” aparece uma mensagem a qual vai do singular ao global:

---

<sup>2</sup> São mulheres que orientam e dão suporte físico e emocional, seja antes, durante ou após o parto, de acordo com o site Doulas do Brasil (<http://www.doulas.com.br/oque.php>).



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

“Para Mariana, filha de Ana Paula Garcia, para todos os bebês que não sobreviveram em decorrência da iatrogenia médica, **para todas as mulheres que tiveram seus partos roubados, compartilharam suas íntimas histórias pelo sentimento coletivo de mudança da assistência ao parto no Brasil e transformaram a violência em revolução**” (Trechos retirados do documentário “Violência Obstétrica: A voz das brasileiras”, 2012, grifos meus). .

Apesar de abordagens díspares, a mensagem dos documentários são bem semelhantes, e dizem respeito a convocar à mudança desse sistema de parto e dessa estrutura iatrogênica. Também como as questões subjetivas são imersas em um contexto sociopolítico, e como não são casos isolados, mas um modelo de assistência ao parto a qual viola a autonomia e os direitos humanos.

### Projeto fotográfico 1:4

O projeto 1:4 é um projeto fotográfico em que são tiradas fotos de partes do corpo com uma tatuagem temporária com relatos de mulheres, as quais sofreram violência obstétrica. O nome escolhido “1:4” simboliza a estatística referente a uma em quatro mulheres ser vítima dessa violência, segundo a Fundação Perseu Abramo (2013).

De acordo com o site do projeto, o objetivo do mesmo é buscar materializar as marcas invisíveis e trazer a reflexão do modo de nascer no Brasil e as intervenções desnecessárias no momento do parto. O enquadramento das fotos é em partes do corpo e feito de forma impessoal, assim pode se traçar um paralelo entre sermos tratadas perante o parto e pela medicina, como partes de corpos e como simples números, em que nossas vozes não importam, apenas o que está inscrito no corpo. Também estão em preto e branco, possivelmente para mostrar seriedade e intensificar a noção de sofrimento ou a elaboração de um luto devido a um sofrimento.

As frases denunciam o sofrimento causado por essas práticas violentas, um sofrimento escrito e não verbalizado pela fala, e um desamparo existente, o qual dá um sentimento de



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

solidão: “O dia em que minha filha nasceu foi o dia em que me senti mais sozinha no mundo.”. Muito do sentimento de desamparo pode ser causado pela ausência de um acompanhante e da sensação de vulnerabilidade daquele momento tão delicado: “O pai foi despachado, não poderia acompanhar, não poderia ficar na porta. Cruelmente, não lhe deram opção e, se continuasse insistindo, o segurança estava bem ali.”. Além do descrédito das pessoas que tendem a silenciar e desacreditar tanto a violência obstétrica devido à sua naturalização quanto o sofrimento causado: “Dói contar, mas ao mesmo tempo é ótimo poder desabafar para pessoas que eu sei que não vão me dizer que estou exagerando.”

### Conclusões

As recomendações conforme os resultados da Pesquisa Nascer no Brasil (2014) e da Organização Mundial de Saúde (2014) são bem parecidas e constituem em orientações para uma mudança na assistência ao parto e nascimento no Brasil. Para tal, é necessária um envolvimento de gestores, profissionais de saúde, pesquisadores, sociedade civil, e particularmente, uma organização das mulheres, no que diz respeito ao acesso à informação e debates sobre o parto e a violência obstétrica. Portanto, esse tipo de organização e discussões exercidas pelos documentários e projetos acerca da violência obstétrica, já são uma iniciativa de acordo as recomendações acima.

Dessa forma, tido como uma saída possível para práticas abusivas e medicalizadas é o parto humanizado, com o mínimo de intervenções e onde a autonomia da mulher é preservada ao máximo. A mobilização de mulheres é essencial para esse tipo de situação mudar, mas não apenas isso, o governo, a população, os(as) médicos(as) devem se unir para acabar com esse tipo de prática.

Também o parto humanizado nos apresenta como o(a) profissional de saúde é fundamental para transformar esse tipo de cenário e como certas práticas são apenas perpetuadas, sem nenhum questionamento, apenas são ensinadas como se fossem corretas e inclusive se alimentam de vários mitos, difíceis de um leigo distinguir.



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

O espaço virtual também se apresenta como um lugar produtivo de discussões e de atuações diversas, uma rede integrada para o bem-estar, autonomia e conhecimento das mães ou futuras mães, onde se pode pesquisar e ter acesso ao compartilhamento de outros tipos de experiências e em que as possibilidades podem ser expandidas. Além de criar uma mobilização para criação de políticas públicas e leis concernentes ao tema, o que já existe em países como Venezuela e Argentina, o reconhecimento dessa violência como crime contribui para a erradicação, prevenção e punição. como alcançar a um maior número de pessoas o que seria violência obstétrica.

### Referências

A dor além do Parto. (2013). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=cIrIgx3TPWs>>. Acesso em: 13 Abr. 2014.

AGÊNCIA Nacional de Saúde Suplementar. Dimensão Atenção à Saúde – 2ª fase: taxa de parto cesáreo. Disponível em: <[http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/qualificacao\\_saude\\_sup/pdf/Atenc\\_saude2fase.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/qualificacao_saude_sup/pdf/Atenc_saude2fase.pdf)>. Acesso em 13 Abr. 2015.

ANDRADE, Briena Padilha; AGGIO, Cristiane de Melo. Violência obstétrica: a dor que cala. **Anais do III Simpósio Gênero e Políticas Públicas**. Londrina, Paraná. Maio, 2014. Disponível em: <[http://www.uel.br/eventos/gpp/pages/arquivos/GT3\\_Briena%20Padilha%20Andrade.pdf](http://www.uel.br/eventos/gpp/pages/arquivos/GT3_Briena%20Padilha%20Andrade.pdf)>. Acesso em 13 Abr. 2015.

FUNDAÇÃO Perseu Abramo. **Violência no parto: na hora de fazer não gritou**. Disponível em: <http://novo.fpabramo.org.br/content/violencia-no-parto-na-hora-de-fazer-nao-gritou>. Acesso em 10 Abr. 2015.

FUNDAÇÃO Oswaldo Cruz. 2014. Nascer no Brasil: Sumário executivo temático da Pesquisa. Disponível em: < <http://www.ensp.fiocruz.br/portal-ensp/informe/site/arquivos/anexos/nascerweb.pdf> >. Acesso em 13 Abr. 2015.

DEFENSORIA Pública do Estado de São Paulo. Violência obstétrica: você sabe o que é? Disponível em: <



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

<http://www.defensoria.sp.gov.br/dpesp/repositorio/41/violencia%20obstetrica.pdf> . Acesso em 10 Abr. 2015.

DIAS, Marcos Augusto Bastos et al . Trajetória das mulheres na definição pelo parto cesáreo: estudo de caso em duas unidades do sistema de saúde suplementar do estado do Rio de Janeiro. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro , v. 13, n. 5, p. 1521-1534, Out. 2008 . Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-81232008000500017&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232008000500017&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 10 Abr. 2015.

MOMBELLI, Neli Fabiane; TOMAIM, Cássio Dos Santos. Análise Fílmica de documentários: apontamentos metodológicos. **Revista do Programa de Pós Graduação em Comunicação**. Juiz de Fora, v. 8, n.2, 2014. Disponível em: <<http://lumina.ufjf.emnuvens.com.br/lumina/article/view/323/358>>. Acesso em: 12 Abr. 2015.

ORGANIZAÇÃO Mundial da Saúde. 2014. **Prevenção e eliminação de abusos, desrespeito e maus-tratos durante o parto em instituições de saúde**. Disponível em: <[http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/134588/3/WHO\\_RHR\\_14.23\\_por.pdf](http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/134588/3/WHO_RHR_14.23_por.pdf)>. Acesso em 11 Abr. 2015.

PULHEZ, Mariana Marques. **“Parem a violência obstétrica”: a construção das noções de ‘violência’ e ‘vítima’ nas experiências de parto**. Revista Brasileira de Sociologia da Emoção, v. 12, n. 35, pp. 544-564. Ago. de 2013.

RAITER, Carla. Projeto 1:4. Disponível em: < <http://carlaraiter.com/1em4/>>. Acesso em: 13 Abr. 2014.

VIOLÊNCIA obstétrica: a voz das brasileiras. (2012) Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=eg0uvonF25M>>. Acesso em: 13 Abr. 2014.

ZANETTI, Miriam Raquel Diniz et al. Episiotomia: revendo conceitos. Revista Femina. Jul. 2009. vol. 37. n. 7. Disponível em: <<http://www.febrasgo.org.br/site/wpcontent/uploads/2013/05/feminav37n7p367-71.pdf> >. 13 Abr. 2014.